

A relação entre coluna de ar e sonoridade: um cruzamento de dados obtidos por meio da aplicação de 15 entrevistas com trombonistas profissionais

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Ricardo Félix de Moraes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – maiadoricardo@gmail.com

Resumo. Neste trabalho propomos uma discussão acerca do quão é importante para o instrumentista possuir uma boa sonoridade ao trombone a partir da relação que o sistema respiratório, mais especificamente o domínio e controle do fluxo do ar, exerce sobre o tema em questão. A problemática é discutida a partir do relato de 15 trombonistas profissionais, que foram entrevistados entre os meses de agosto e outubro do ano de 2019. O trabalho aponta importantes direcionamentos sobre a temática abordada, tais como: as contribuições que uma boa sonoridade traz para o desenvolvimento técnico do trombonista, a importância do conhecimento básico sobre o funcionamento do sistema respiratório e da prática de exercícios para o melhor desempenho dele em situações de performance musical.

Palavras-chave. Trombone. Sonoridade. Fluxo do ar.

The Relationship in Between Air Flow and Sound: a Crossing of Data Obtained Through Application of 15 Interviews with Professional Trombonists

Abstract. In this work we propose a discussion about how important it is for the instrumentalist to have a good sound to the trombone from the relationship that the respiratory system, more specifically the domain and control of the air flow, exercise on the theme in question. The problem is discussed based on the report of 15 professional trombonists, who were interviewed between August 2019 and October, 2019. The work points out important directions on the theme addressed, such as: the contributions that a good sound brings to the technical development of the trombonist, the importance of basic knowledge about the functioning of the respiratory system and the practice of exercises for its better performance in situations of musical performance.

Keywords. Trombone. Sound. Air Flow.

1. Apresentação

Neste trabalho, apresentamos um recorte de dados coletados durante a realização de uma das etapas metodológicas, de uma pesquisa em andamento na subárea de práticas interpretativas, no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Entrevistas semiestruturadas foram aplicadas individualmente, com um grupo de 15 trombonistas profissionais de importância reconhecida no cenário nacional e internacional, de carreira consolidada e que atuam como professores do instrumento em universidades, conservatórios e/ou escolas de música especializadas, músicos de orquestra e performers. Todos os entrevistados concederam o direito de veiculação dos seus nomes em forma de citações as suas respectivas falas, por meio do termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual destacamos o trecho a seguir:

[...] declaro, para os devidos fins, que concedo o direito de minha participação no estudo, deixando minhas contribuições através da entrevista. Autorizo a veiculação de meus relatos, bem como a utilização de meu nome em relatório, para que sejam utilizados integralmente, ou em partes, sem condições restritivas de prazos e citações, a partir desta data. Da mesma forma, dou a permissão e o uso de referências a terceiros, ficando o controle das informações a cargo do entrevistador, o qual está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Renunciando aos meus direitos autorais sobre os dados fornecidos, dou consentimento à realização do trabalho com a minha participação.

Os trombonistas que aceitaram o convite em participar das entrevistas foram: Carlos Freitas – professor de trombone da Escola de Música do Estado de São Paulo e trombonista da Orquestra Sinfônica da USP; Fábio Carmo Plácido – professor de trombone da Universidade Estadual do Amazonas; Gilvando Pereira da Silva – professor de trombone da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Jackes Douglas – professor de trombone da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; João Luiz Areias – professor de trombone da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; José Milton Vieira – trombonista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre; Klênio Barros – trombonista da Orquestra Sinfônica das Beiras¹; Lito Fontana – solista internacional; Marcos Botelho – professor de trombone da Universidade Federal de Goiás; Marcos Flávio – professor de trombone da Universidade Federal de Minas Gerais; Martin Bonilla – professor de trombone da Universidade de Costa Rica e trombonista da Orquestra Sinfônica Nacional de Costa Rica; Pablo Fenoglio – trombonista da Orquestra do Teatro Colón; Raphael Paixão – trombonista da Orquestra Sinfônica Brasileira; Ricardo Pacheco – trombonista da Orquestra Nacional do Teatro Cláudio Santoro; e Rodrigo dos Santos – professor de trombone da Universidade Federal do Cariri. Justificamos que para este trabalho específico, citamos apenas as considerações de 13 dentre os 15 entrevistados, pois apenas esses durante suas reflexões realizaram menções à temática abordada.

As entrevistas foram aplicadas entre os meses de agosto e outubro do ano de 2019, sendo 9 por meio de videoconferência e 6 de maneira presencial. O número de entrevistados adequa-se às recomendações de Bauer e Gaskell (2002, p. 71): “[...] há um limite máximo ao número de entrevistas que é necessário fazer, e possível analisar. Para cada pesquisador, este limite é algo entre 15 e 25 entrevistas individuais [...]”. Os questionamentos tiveram o intuito de ouvir sugestões de estudos e estratégias de estudos aplicadas na rotina de cada entrevistado, em que dentre os diversos pontos discutidos destacaremos neste trabalho a importância de executarmos uma boa sonoridade ao trombone a partir da utilização eficiente

do sistema respiratório, por meio dos movimentos de inspiração e expiração, ou seja, o controle do fluxo do ar.

Para este trabalho, a escolha pela temática ocorreu pelo fato de corroborarmos que “o som é o assunto mais importante do trombonista”² (BONILLA, 2019, tradução nossa), não só por questões estéticas, mas principalmente porque “um bom som também facilita em outras coisas, [...] se você tem um bom som é mais fácil tocar piano, é mais fácil tocar forte, é mais fácil fazer ligaduras, [...] é mais fácil afinar, porque há mais harmônicos e então é mais fácil fazer correto”³ (BONILLA, 2019, tradução nossa). Esclarecemos que os termos empregados os quais classificam o som de maneira positiva, como: bom som, ótima sonoridade, som lindo e demais semelhantes, estará fazendo referência a um som com muitos harmônicos.

2. Discussão

A construção de uma boa sonoridade no trombone perpassa pelo domínio de muitos fundamentos, que muitas vezes são questões:

[...] básicas que a gente vai usar sempre: a parte de sonoridade, a parte de articulação simples, a parte dos glissandos que é para a regularidade sonora, a parte de flexibilidade que isso é uma coisa que sempre você acaba tendo que fazer em qualquer trabalho que você utilize, a parte do ligado natural, ligado artificial, o staccato duplo também [...] (AREIAS, 2019).

O básico da emissão do som consiste em “como o ar tem que passar pelos lábios, vibrar eles, como esse ar tem que sair do seu corpo e de uma forma que ele soe relaxado e faça os lábios vibrarem relaxadamente” (VIEIRA, 2019). Nessa perspectiva, Rodrigo Santos (2019) reforça que “tocar [trombone] é a vibração do lábio, ou seja, o ar passando pelo lábio, tudo depende do ar, [...], exercícios de coordenação entre fluxo de ar e o posicionamento do lábio” são muito importantes nesse processo. “Um bom som significa um bom manejo do ar”⁴ (BONILLA, 2019, tradução nossa), então, é necessário possuímos “não só uma boa respiração, mas uma boa emissão também, [...] quanto melhor a gente emitir o ar no instrumento, melhor será o nosso som” (PAIXÃO, 2019).

[...] o fluxo de ar é muito mais importante do que a quantidade de ar que [...] coloca para dentro, [...] colocar [o ar] para dentro é algo muito natural [...], agora controlar esse fluxo é algo muito mais complexo, [...] tem que ter realmente um domínio, se não corre risco de ter um fluxo descontrolado e aí todo esse ar não vai servir para nada se não tiver qualidade (FREITAS, C., 2019).

Possuir uma boa inspiração auxilia de maneira bastante significativa na emissão do ar. Uma boa respiração é reflexo de uma boa inspiração. Nessa conjuntura, é pertinente que ao realizarmos qualquer tipo de atividade respiratória focada na prática de tocar trombone, estejamos “sempre buscando com que [ao inspirarmos] o ar entre relaxado e [ao expirarmos] saia relaxado [...], porque se o ar entra tenso, sai tenso, se entra relaxado, sai relaxado”⁵ (BONILLA, 2019, tradução nossa). “É muito importante ficar sempre pensando no jeito que o ar percorre na nossa música, sempre pegar o ar em um fluxo relaxado” (FENOGLIO, 2019), temos “que soprar e saber soprar e, também saber dosar tudo, o ar e tudo”⁶ (FONTANA, 2019, tradução nossa), para depois “organizar tudo em função desse ar, mas esse conceito [...] é muito importante, a gente estuda de uma maneira que vai colocar em prática tudo que for tocar sempre pensando no ar” (FENOGLIO, 2019). Entretanto, para termos essa percepção, antes de mais nada, “a gente precisa conhecer bem o nosso corpo, perceber como funciona todo o nosso sistema respiratório, para poder extrair o melhor possível [...], com o mínimo esforço possível” (PAIXÃO, 2019).

[...] fui estudar anatomia do sistema respiratório e aí eu tirei vários tabus, [...] realmente me dei conta que o sistema funciona de um jeito só para todo mundo, salvo algumas exceções, então eu entendi que para cada engrenagem, vamos dizer assim, você tem que fazer um trabalho específico, para o ar é um trabalho específico, para a articulação tem um trabalho específico, para extensão tem um trabalho específico, e por aí vai (FREITAS, C., 2019).

Antes de apresentarmos as diversas formas utilizadas pelos entrevistados para praticarem suas atividades respiratórias, faz-se necessário destacarmos a partir de Marcos Flávio Freitas (2019), que existem “centenas de exercícios de respiração que você pode fazer e que vão trazer o mesmo benefício, [...], só que às vezes são trabalhados de uma forma um pouco diferente, mas todos estão buscando a mesma coisa”, o mesmo entrevistado também comenta que apesar de estar habituado a praticar esses exercícios uma vez por semana, ainda assim sente falta deles. Em suas palavras:

A questão dos exercícios de respiração eu faço religiosamente uma vez por semana. Também não faço todos os dias, mas eu sinto falta, [...], eu costumo fazer uma vez por semana, às vezes com algum aluno aí eu aproveito e faço, não necessariamente o primeiro dia da semana, mas eu sempre faço uma vez por semana (FREITAS, M., 2019).

Para Marcos Botelho (2019), os cuidados com a respiração e com os músculos que compõem a embocadura, integram atividades de estruturação do corpo, que merecem atenção redobrada por parte do trombonista. O mesmo ressalta que:

[...] a parte de estruturação do corpo é a gente cuidar da respiração e dos músculos que envolvem a embocadura. [...]. Eu particularmente hoje em dia não faço mais exercícios respiratórios, mas aos meus alunos eu costumo falar com eles, principalmente quando eles estão começando a fazer uma série de exercícios respiratórios, que essa preparação nada mais e nada menos é do que você se acostumar a uma respiração um pouco diferente para sobreviver. Né, o Philips Farkas fala no livro dele que a gente foi criado por Deus não pra tocar instrumentos de metais, a gente está indo contra a natureza, a gente adaptar o corpo a isso. Na verdade é só a gente reaprender a respirar [...]. (BOTELHO, 2019).

Os exercícios de fluxo de ar são trabalhados por Carlos Freitas (2019) diretamente no instrumento por intermédio de exercícios de glissando, nos quais ele sempre busca “usar o instrumento inteiro para poder ter conhecimento do instrumento como um todo” (idem), uma vez que em termos de dimensão, a gente toca vários instrumentos diferentes. Em suas palavras:

[...] eu adoro fazer exercícios de glissando, por exemplo, para trabalhar fluxo de ar. [...] então eu trabalho o glissando como uma forma de expressão de ar livre, o tempo todo relaxado, [...] já trabalho a região da quarta, quinta e sexta posição, para trabalhar um pouco essa coisa da extensão do instrumento, para ter essa noção de que a gente toca vários instrumentos ao mesmo tempo. Então da primeira para a quarta posição você tem um tamanho do instrumento, da quarta para sétima você tem outro tamanho do instrumento. [...] logo você não vai poder usar o mesmo ar da primeira para quarta, da quarta para a sétima, porque o tamanho do instrumento muda (FREITAS, C., 2019).

Jackes Douglas Angelo (2019) enfatiza, que, com exercícios de glissandos também “dá para conferir se realmente o fluxo de ar ele está acontecendo” e que pratica os mesmos “pensando na questão de fluxo de ar [...] e depois [...] o estudo de glissando mais extenso, pensando na extensão do instrumento [...]” (ANGELO, 2019). Ricardo Pacheco (2019) busca objetivos semelhantes a partir do frulato. Em suas palavras:

O frulato para mim, quando eu coloco ele dentro do exercício [...] ele realmente vai mostrar se você está assoprando, se seu ar está realmente passando pelo trombone [...] forma contínua. [...]. Então o frulato, ele ajuda você a manter esse fluxo de ar, porque quando você faz o frulato [...] e a língua está mexendo naquela velocidade [...] é impossível você parar esse [movimento] da língua, ele só vai parar se o seu ar acabar. Então, eu uso ele para realmente fazer nos exercícios de ligadura para saber se eu estou conseguindo realmente assoprar. Então, eu faço a primeira vez com o frulato e depois eu repito o mesmo exercício sem o frulato [...] mandando a mesma emissão de ar. Você tem que emitir o ar de uma forma contínua (PACHECO, 2019).

Alguns entrevistados relataram usar ou já terem usado alguns aparelhos respiratórios, como Respiron, Voldyne, Breath Builder e Shacker, para aprimorarem o movimento dos músculos que compõem o sistema respiratório e, conseqüentemente, a expansão da capacidade respiratória e o controle do fluxo do ar, conforme destacamos em alguns comentários a seguir:

[...] um aparelho que eu usava bastante era o Voldyne, que é um aparelho para ajudar na parte da inspiração, quando você vai fazer o movimento para inspirar. Têm outros aparelhos que ajudam você a ter o controle do ar, para você expirar o ar. Voldyne é para inspirar e tem o outro que chama Respiron, que é para expirar. São aparelhos bons. Mas hoje em dia eu faço [...] exercícios de respiração sem o instrumento e exercícios de respiração com o instrumento. Então basicamente eu estudo dessa forma (PAIXÃO, 2019).

[...] eu faço alguns exercícios somente [...] com o bocal do instrumento, eu uso o Shacker que é um aparelho que a gente usa [...] para impulsionar a saída do ar e eu adaptei esse aparelho ao bocal e ajuda muito, também esporadicamente uso o Respiron para poder expandir a capacidade respiratória [...]. Então eu uso basicamente esses três aparelhos, o próprio bocal, o Shacker e o Respiron (SANTOS, F., 2019).

[...], o aparelho que eu mais gostei de usar, porque eu acredito que um aparelho para todo mundo não funciona, cada um acaba encontrando o seu [...], algo que realmente te dê um resultado palpável de fato, mas o aparelho que usei muito foi o Voldyne, só que eu acabei descobrindo ao longo desses anos, que de nada adianta você ter muito ar se você não sabe colocar esse ar em movimento. Voldyne ele condiciona você colocar bastante ar para dentro, só que se você não usar acoplado a um bom exercício de fluxo de ar, você vai ter muito ar mas vai continuar com os mesmos problemas [...]. Então o Voldyne foi uma coisa que eu usei durante muito tempo, depois eu parei um pouco, mas toda vez que eu sinto que estou fora de “condicionamento” eu pego ele vou lá e faço, aí me sinto mais confortável. Mas eu acredito que é muito pessoal assim, essa coisa de qual aparelho usar, eu já usei [...] vários aparelhos, mas esse Voldyne para mim foi o que mais me dei bem nesse estudo de respiração (FREITAS, C., 2019).

[...] atualmente consegui comprar alguns aparelhos e praticar um pouco mais e pude perceber realmente que uma referência dessa expansão da respiração é fundamental para nossa prática [...]. Então eu gosto muito de um aparelho de respiração, Breath Builder, porque ele é um aparelhinho que estuda o ciclo respiratório, tanto na inspiração quanto na expiração, então além de tornar você mais ativo, torna você mais amplo nos movimentos musculares, então é exatamente o que a gente precisa, é claro que tem aparelhos que trabalham especificamente um movimento, ou seja, só o sopro, ou só inspiração, que também são igualmente interessantes e aí o Voldyne é um desses aparelhos, [...] que estuda muito a inspiração e, essa inspiração ampla que ele exige faz com que a gente também delate a musculação, alguns músculos né e faz com que a gente também aprenda o movimento respiratório e com isso a capacidade no próprio instrumento. Então eles são coisas essenciais a nossa prática que são, que a gente precisa cultivar na rotina de estudo aí (SANTOS, R., 2019).

Por fim, após compreendermos o emprego do fluxo do ar dentro da prática do trombonista, também se faz necessário sabermos como utilizarmos a língua dentro do fluxo de ar, pois “quando usamos muita língua às vezes deixamos de soprar, temos que esclarecer que o ar sempre tem que estar presente, toquemos forte, toquemos piano, toquemos ligado e toquemos articulado”⁷ (BONILLA, 2019, tradução nossa), “a língua ela só separa o fluxo de ar [...], então se você entende isso [...] vai simplesmente aliviar a língua, dependendo da [...] articulação” (VIEIRA, 2019). Nessa perspectiva, Pablo Fenoglio (2019) explica que:

A articulação acontece, mas depois disso a língua tem que ficar em baixo [...] até a próxima articulação. O que acontece muito é que a gente articula e para finalizar o som volta a articular com a língua [...]. Então [...] a língua fica tensa [...] e tem que fazer o dobro do trabalho. É muito importante que a língua tem que ficar em baixo até a próxima articulação (FENOGLIO, 2019).

Quando você articula, a articulação vai detrás dos dentes, mas depois disso a língua fica mais em baixo. Importante que a língua não volte para cima para cortar o som, isso é como um só som e com muito som somente. [...]. Isso acontece muito nos trombonistas que no final do som sempre estão cortando com a língua. Então, quando você tem que tocar trechos mais rápidos esse dobro de trabalho que você faz dificulta muito, porque o seu corpo está trabalhando muito mais [...]. Então, [...] sobre a mesma linha do ar eu articulo e sempre pensando no som [...]. Então, depois quando você tem que tocar rápido, essa ideia de fluxo do ar, da articulação sobre o fluxo do ar ajuda com que você não corte com a língua, porque a língua pode cortar muito também a ideia musical [...]. Para mim é muito importante [...] pensar a articulação no contexto do fluxo do ar [...] (FENOGLIO, 2019).

Em suma, na hora de tocar não podemos “esquecer de soprar, a articulação não [pode] parar a condução do ar (AREIAS, 2019).

3. Considerações finais

A busca do trombonista em emitir a melhor sonoridade possível ao tocar trombone vai além de questões estritamente estéticas, uma vez que possuir uma sonoridade rica em harmônicos facilita ao trombonista o desenvolvimento de outros fundamentos técnicos. Em meio à busca por essa sonoridade ideal, é importante que o trombonista não negligencie assuntos relacionados ao sistema respiratório e a melhor forma de lançar o ar ao instrumento, principalmente diante da importância da influência que essa temática exerce sobre a construção sonora do trombone.

Quanto aos exercícios aplicados ao trombone, que favorecem o bom funcionamento do sistema respiratório em situações de performance musical, existem diversos, conforme pudemos observar no decorrer do texto. Entretanto, é minimamente



necessário o conhecimento básico do funcionamento do sistema respiratório, para que possamos entender melhor as ações e suas respectivas relações de cada componente dele.

Por fim, também se apresenta como importante identificarmos e entendermos demais componentes que possam exercer influência sobre o fluxo de ar, a exemplo da língua, como destacamos nos parágrafos finais. Desse modo, é possível manipularmos esses componentes de maneira mais efetiva, favorecendo o fazer musical como um todo.

Referências

- ANGELO, Jackes Douglas Nunes. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 25 set. 2019.
- AREIAS, João Luiz. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 28 set. 2019.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guaresch. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BONILLA, Martín. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 21 set. 2019.
- BOTELHO, Marcos. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 31 ago. 2019.
- FENOGLIO, Pablo. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 25 ago. 2019.
- FONTANA, Lito. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 06 set. 2019.
- FREITAS, Carlos Augusto Tadeu de. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 03 out. 2019.
- FREITAS, Marcos Flávio de Aguiar. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 13 set. 2019.
- PACHECO, Ricardo. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 01 set. 2019.
- PAIXÃO, Raphael Campos da. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 05 set. 2019.
- SANTOS, Fábio Carmo Plácido. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 16 set. 2019.
- SANTOS, Rodrigo Alexandre Soares. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 20 set. 2019.
- VIEIRA, José Milton. [Entrevista cedida a Ricardo Félix de Moraes]. 26 set. 2019.

Notas

¹ Orquestra da cidade de Aveiro – Portugal.

² El asunto más importante de un trombonista es el sonido.

³ Mejor sonido también se facilitan las otras cosas, [...] si tenéis un buen sonido pues es más fácil tocar piano, es más fácil tocar fuerte, es más fácil hacer ligaduras, [...] es más fácil afinar, porque hay más armónicos y entonces es más fácil hacer acertó.

⁴ El buen sonido significa buen manejo del aire.

⁵ Siempre buscando que el aire entre relajado que salga relajados [...], porque el aire entra tenso, salir tenso, entre relajado, salir relajado.

⁶ Hay que soplar y saber soplar y, saber dosis también todo, [...] al aire y todo.

⁷ [...] cuando usamos mucha lengua a veces dejamos de soplar, hay que tener claro que el aire siempre tiene que estar, toquemos fuerte, toquemos piano, toquemos ligado y toquemos articulado, el aire siempre tiene que estar.